

DO AUTOR DE  
CAIXA DE PÁSSAROS



PIANO  
VERMELHO

JOSH MALERMAN





# PIANO VERMELHO

Josh Malerman

Tradução  
Alexandre Raposo



Copyright © 2017 by Josh Malerman

TÍTULO ORIGINAL  
Black Mad Wheel

REVISÃO  
Rayssa Galvão  
Laís Curvão

DIAGRAMAÇÃO  
Ilustrarte Design e Produção Editorial

DESIGN DE CAPA  
Angelo Allevato Bottino

IMAGEM DE CAPA  
Peyker / Shutterstock

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

M213p

Malerman, Josh, 1975-  
Piano vermelho / Josh Malerman ; tradução Alexandre  
Raposo. – 1. ed. – Rio de Janeiro : Intrínseca, 2017.  
320 p. ; 23 cm.

Tradução de: Black Mad Wheel  
ISBN: 978-85-510-0206-3

I. Romance americano. I. Raposo, Alexandre. II. Título.

17-41626

CDD: 813  
CDU: 821.111(73)-3

[2017]

*Todos os direitos desta edição reservados à*  
EDITORA INTRÍNSECA LTDA.  
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar  
22451-041 — Gávea  
Rio de Janeiro — RJ  
Tel./Fax: (21) 3206-7400  
www.intrinseca.com.br

EM MAIO DE 2012, o *High Strung* havia acabado de tocar no show de lançamento de nosso álbum *¿Posible ó Imposible?*. Devolvi o microfone ao suporte e cambaleei com Derek (bateria) para fora do bar. Das sombras do estabelecimento, surgiu uma diabinha, um bellissimo par de olhos verde-claros e pernas tão compridas que deviam começar lá embaixo, no porão.

Ela também falava: “Você tem mais dessa pintura facial?” Antes do show eu tinha pintado o rosto com um hidrocor. Desenhos bobos. “Sim”, respondi, remexendo no bolso do casaco. Mas, como tinha mãos, a diabinha agarrou meu rosto e esfregou-o contra o dela.

Voilà. Um rosto pintado. E o começo de alguma coisa.

*Este livro é para Allison Laakko, que leu Piano vermelho aos pedaços, faísca por faísca, já que a cada noite eu lhe enviava os empolgantes escritos do dia. Por isso, sempre haverá um caminho, trilhas, abertas por uma roda, talvez, levando dela para mim, e, então, para o livro, e novamente de volta para nós.*

*Eu gosto disso.*

*Sempre saberemos para que lado as rodas giram.*

*Eu te amo, Allison.*



PARTE 1

# Fá

*1, 2, 3, 4...*



O paciente está acordado. O som de uma música composta por ele está sumindo, como se, enquanto ele dormia, tivesse tocado sem parar, a trilha sonora de seu sono inacreditável.

Ele se lembra de cada detalhe do deserto.

A primeira coisa que vê é uma pessoa. Essa pessoa é o médico. De calça cáqui e camisa havaiana, não está vestido como um médico, mas o brilho da ciência em seus olhos o denuncia.

— Você está gravemente ferido. — Sua voz é confiança. Sua voz é controle. — É uma lesão sem precedentes, soldado Tonka. Sobreviver a algo tão... — Ele ergue os punhos à altura do peito, como se amparando uma palavra que caiu. — ... *injusto*.

Philip identifica mais do que medicina no homem de pé em frente à cama. O físico forte e definido. O cabelo com uma perfeição além do normal, a pele tão lisa quanto uma duna do deserto.

Aquele médico é militar.

— Agora, deixe-me dizer por que isso é uma coisa incrivelmente difícil de acontecer — continua ele.

Philip não processou por completo a sala onde está. Sua visão periférica está fora de foco. Há quanto tempo está ali?

Que lugar é este? Mas o médico não responde a perguntas não solicitadas.

— Se você tivesse quebrado apenas os pulsos e os cotovelos, poderíamos supor que caiu no chão de certa forma. Mas também quebrou os úmeros, os rádios e as ulnas. Suas tuberosidades radiais, os processos coracoides, as trócleas e todos os vinte e sete ossos das mãos. — Ele sorri. O sorriso indica que Philip deveria compartilhar de seu assombro. — Não espero que saiba o nome de cada osso do corpo humano, Philip. O que eu estou dizendo é que você não quebrou só os pulsos e os cotovelos. Você quebrou quase tudo.

Philip ouve sussurros vindos de repente de algum lugar que ele não consegue ver. Talvez vozes em um corredor. Philip tenta virar a cabeça para olhar.

Não consegue. Não consegue mexer o pescoço.

Ele abre a boca para dizer alguma coisa, para dizer que não consegue se mover, mas a garganta está seca como areia no verão.

Ele fecha os olhos. Vê marcas de cascos naquela areia.

— Agora, se você tivesse quebrado só as mãos e os braços, eu poderia imaginar que se envolveu em um acidente. Em uma prensa ou alguma espécie de torno, por exemplo. Talvez os dois braços estivessem apoiados no tampo de uma mesa e foram esmagados por algo pesado. Mas, é claro, você não quebrou *só* as mãos e os braços. Também tem fraturas nos fêmures, nas tíbias e nas fíbulas das duas pernas, assim como nas patelas, nos epicôndilos mediais, em todos os eixos transversais, o que por si só teria sido suficiente para provocar o coma, além da maioria dos vinte e seis ossos de cada pé. — O médico fala com tanta liberdade, movimenta-se com tanta *saúde*, que Philip se sente afrontado. — Suponho que alguém poderia reencenar o ocorrido, colocando-o na beira de um penhasco, braços e pernas pendurados *sobre* o abismo, enquanto algo cruelmente concebido para atingir *apenas* cada um dos ossos já mencionados caiu do céu, causando-lhe

o mais violento conjunto de fraturas que já vi. Mas, não. Seus infortúnios não param por aí.

Atrás do médico, onde a parede bege encontra o teto azul-claro, Philip vê um deserto africano ao meio-dia.

E pensa nos Danes.

— Seu púbis, íleo, sacro... esmagados. A sínfise púbica, o ligamento longitudinal anterior... rompidos. Suas costelas, Philip, cada uma delas... e também todos os discos intervertebrais, o esterno, o manúbrio, as clavículas, até o pescoço, até a mandíbula, os ossos zigomáticos, os temporais, o frontal e... até mesmo alguns dentes. — O médico sorri, mostrando os dele. — Poderíamos imaginar tal resultado se um homem estivesse deitado sobre uma laje de pedra, sem se dar conta de que uma segunda laje cairia de determinada altura, esmagando-o completamente e de uma vez só. Essa hipótese só seria válida se as fraturas estivessem à mesma distância da superfície de seu corpo. Mas, claro, esse não é o caso. A lesão no seu longitudinal anterior tem três centímetros de diferença da fratura na mandíbula. Na verdade, não há uma única fratura uniforme no seu corpo, nenhum padrão que nos permita adivinhar um objeto, uma causa, uma imagem do que o feriu. Em outras palavras, Philip... isso não foi causado por um único objeto. Mas, mesmo assim... tudo aconteceu ao mesmo tempo.

O médico se afasta, revelando a Philip o que parecem ser telas negras pintadas com tinta branca brilhante. Formas inacabadas. Padrões de fraturas.

Radiografias.

Algumas dessas radiografias lembram marcas de cascos na areia.

— Ouso dizer que é o caso mais impressionante que já encontrei — comenta o médico, especulando. — Alguns diriam que é um... mistério. Veja você mesmo, Philip.

Mais sussurros de algum lugar que Philip não consegue ver.

— Agora — diz o médico, deixando de lado as radiografias e olhando para o paciente. — Você acabou de acordar... acabou

de *voltar a si*, e imagino que isso deve estar sendo um choque considerável. Você está sob os nossos cuidados, em coma, há seis meses.

O número é impossível. O número é cruel. O número aumenta a distância entre ele e os Danes.

— Ou seja, seis meses nos quais você não tinha como estar consciente. E agora começa o processo de cura, tanto física quanto emocional. — Ele leva o indicador e o polegar ao queixo. — Mas *há* perguntas a serem feitas.

— Onde estão os Danes? — indaga Philip, gemendo.

Sua voz soa como o ranger de uma escada de madeira. Parece um velho banco de piano.

Um suspiro ecoa fora do campo de visão de Philip. Uma voz feminina.

*Ele falou!*

— A primeira questão obviamente é... — continua o médico, ignorando a pergunta de Philip — como alguém poderia sobreviver a algo assim?

Uma brisa agita seu cabelo castanho e bem cortado.

Philip tenta levantar um braço, mas não consegue.

O médico estende com facilidade a palma da mão aberta, como se quisesse deixar clara a verdadeira diferença entre eles dois.

— Mas, enfim... você está aqui... você sobreviveu. E a segunda pergunta, mais urgente, é... o que aconteceu, soldado Tonka? — Ele se curva, põe as mãos nos joelhos, e baixa os olhos azuis na altura dos de Philip. — O que você e os Danes encontraram no deserto? Ou, melhor...

O médico agita as mãos, apagando o pensamento. O gesto é tão fora de propósito que chega a parecer irreverente.

— Vamos esquecer seus colegas músicos, sua banda, os Danes. — A frieza em seus olhos sugere que ele já esqueceu.

Mais uma vez, Philip vê marcas de cascos, um rastro de pegadas se estendendo.

E também ouve um som, doentio e sensível, criando a própria trilha, curvando-se sobre o horizonte de sua memória. Tenta combatê-lo com a música que compôs. Ele e os Danes. A canção que lhe fez companhia enquanto dormia.

Mas a voz do médico o interrompe mais uma vez.

— A pergunta não é o que você encontrou... mas o que encontrou você.

QUANDO SUA ATERRORIZANTE MISSÃO TERMINA  
E O DESTRÓI POR COMPLETO,  
O QUE IMPORTA NÃO É O QUE VOCÊ ENCONTROU,  
MAS O QUE ENCONTROU VOCÊ.

“Alternando passado e presente, Malerman mantém a ação desenfreada o tempo todo. Uma bela *jam session* com ritmo sedutor e contagiante.”

— THE NEW YORK TIMES BOOK REVIEW

“A originalidade impressionante de Malerman é inegável. Sombrio e perturbador, seu segundo romance tem uma força excepcional e com certeza é diferente de tudo o que você leu nos últimos tempos.”

— KIRKUS REVIEWS

“Uma escrita sucinta que evoca fascínio e horror.”

— LIBRARY JOURNAL

“O sucessor de *Caixa de pássaros*. Totalmente imprevisível e bizarro, no melhor dos sentidos.”

— BOOKLIST

ISBN 978-85-510-0206-3



[www.intrinseca.com.br](http://www.intrinseca.com.br)